

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

14. Famílias substitutas? Instituições comunitárias, religiosas, seitas...

Responsável NEL: Coordenadora: Raquel Baloira

Participantes: María Hortensia Cárdenas (**Relatora**), Ángel Sanabria, Adriana Meza, Roberto Galván, Alexander Méndez, Susana Urbani y Esteban Carpio

Se a família é um tecido de relações simbólicas a partir da qual uma criança se serve do seu corpo para falar e construir seu destino com as qualidades que nos *empurra a torto e a direito*,¹ como fala Lacan, Pode uma seita, uma comunidade religiosa ou uma instituição comunitária, oferecer as condições que lhe permitem a uma criança encontrar a possibilidade de fazer essa ficção necessária que é uma família?

A família: aparelho de gozo

A criança que chega ao seio familiar, recebe o banho da linguagem, mas também um segredo – assim o chama Jacques-Alain Miller – um segredo² sobre o gozo dos pais que fazem uma parceria sintomática. Assim, no fundo desta ordem significante, que a família transmite a cada membro, esconde-se uma posição de satisfação. Diante deste encontro com o Outro da família como um discurso, a criança responde com uma ficção que dá sentido ao sem-sentido tomado; e que fará próprio de uma maneira singular.

¹ Lacan, J., Joyce el Síntoma. *El seminario, libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós. 2006, p. 160. [Nota do tradutor: No texto em espanhol, a tradução seria Destro e sinistro, onde o significante Sinistro, pode fazer referencia a esquerda ou sinistro ou ominoso, mas na versão brasileira é torto e direito].

² Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la clínica lacaniana*. Madrid: RBA. 2006, p. 341.

Qualquer família é “um aparelho de gozo”, como diz Miquel Bassols no seu texto “Famulus”.³ Então, mais além da biologia e aquilo que podemos chamar de família natural, é num primeiro momento uma substituição: aquilo não sabido do gozo substitui-se pela ficção familiar. Somos seres de linguagem. Porque falamos sabemos que a linguagem cria o ser, faz surgir o ser de aquilo que não existe e consolida o discurso. Porque falamos fazemos uma armação, um tecido de sentido e ficamos forçados. Ficção necessária, então, com o que cada sujeito vai tecendo a trama do sentido.

A família surge como resposta também à necessidade de dar uma ordem simbólica à sexualidade. É isto o que permite ao sujeito o encontro dos objetos sexuais fora de ela.

Os elementos com os que cada criança conta para construir essa ficção necessária que é uma família tem duas funções primordiais. Nos “complexos Familiares na formação do sujeito”,⁴ Lacan nos ensina que a família é o lugar de transmissão da cultura e para isso é necessário introduzir a proibição a modo de regulação. Enquanto, também a família tem como função a transmissão de um desejo vivo, humanizado, que não seja anónimo. Um desejo vivo encarnado por aqueles que têm a função do pai que suportam a lei no desejo, que cumpre a função de nomeação, e da mãe que dá os cuidados, sujeitos que consentem e suportam essa função e transmiti-la.

Um desejo que não pôde ser anónimo nem universal, nem puro como aponta Miller, não pode ser o desejo do “se deseja”, nem o de Deus, nem o do povo, mas sim o sujeito se tem que transmitir a traves das gerações.⁵

As seitas, famílias substitutas?

O declive da função paterna tem produzido uma multiplicação de significantes mestres que levam ao sujeito à auto-segregação e não a uma segregação imposta por um mestre,⁶ mas sim

³ Bassols, M., *Famulus*. *Lacan XXI. Revista FAPOL online*. Octubre 2016.

⁴ Lacan, J., *Los complejos familiares en la formación del individuo*. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 33.

⁵ Miller, J.-A., *El niño entre la mujer y la madre*. *Revista Fapol*. Abril 2017.

⁶ Brousse, M.-., “Las declinaciones del padre y los cambios en la familia, ¿Amar al Padre o al *sinthome*?”. *Seminarios en Caracas*, Buenos Aires: Grama. 2007, p. 77.

pelo próprio sujeito que escolhe um grupo como lugar onde construir-se uma realidade acorde ao seu gozo. Enquanto este declive do pai, as funções do pai e da mãe não deixam de estar vigentes.

No texto “Famulus”, Bassols fala que as famílias reordenam-se na atualidade a partir da desorientação que é produzida pela não relação sexual. Isto produz uma economia do gozo que não se subordina, como foi antes, a um significante em particular – seja do Nome do Pai ou outro qualquer que possa funcionar como substituto – isto já que na economia do gozo um significante mestre tem o mesmo valor que qualquer outro. Os significantes mestres de hoje, intercambiam-se, já não desde o simbólico mas sim, segundo as condições do gozo. É o gozo quem comanda e ao reordenar a família, origina as condições que favorecem a formação de famílias substitutas.

Pensar o fenômeno das seitas contemporâneas, caracterizadas num primeiro momento pela sua multiplicidade, É possível considerar que no seio deste grupo sectário pode-se constituir uma família? No livro “Casos de família no inconsciente”,⁷ J.-A. Miller entrega-nos a chave de leitura que permite entender como a família pode constituir-se nestas comunidades de gozo, ao falar que as famílias tem sua origem no mal-entendido, no desencontro, na decepção, no abuso sexual e no crime.

As seitas não são novas, têm existido noutras épocas, mas na atualidade, seguindo o dito por Romildo do Rêgo Barros,⁸ formam-se como unidades cada vez mais pequenas e com doutrinas cada vez mais particulares, que não aparecem já como desvio de um tudo doutrinário (d.g, A Igreja), e que já não aspiram necessariamente a um caráter universal.

Enquanto, não precisam autorizar-se no Um do pai, mas sim nas crenças particulares ou nos estilos de vida alternativos. Neste sentido, representam uma manifestação da “Crise do Um” no mundo atual, onde o que se objetam como universal tratando de recompô-lo é o plano do particular.

As seitas surgem oferecendo um “sentido alternativo” frente ao que é o sim-sentido ou falsidade do mundo atual. Seja pela via das alternativas afetivas, espirituais ou falsidade do mundo atual. Seja pela via de alternativas afetivas, espirituais ou curativas, parecem propor-se como uma resposta ao declive da Verdade no contemporâneo. Dentro destas seitas podem-se

⁷ Miller, J.-A., *Cosas de familia en el inconsciente*, *op. cit.*

⁸ Do Rêgo Barros, R., *Una paradoja de las sectas contemporâneas*. Revista *Virtualia* #14. Febrero 2006.

achar o que se chama “novos movimentos religiosos” que reivindicam seu direito a professar uma fé alternativa, à margem das grandes religiões tradicionais. Mas também estão as chamadas “seitas perigosas” ou “destrutivas”, que tem características pelo controle totalitário de seus adeptos e a exploração, seja econômico, pessoal ou sexual.

O “Novo Jesus Cristo”

Numa seita que oferecia poderes mentais, riqueza e até milagres na troca de uma importante quantidade de dinheiro que vão desde 1.300 até 130.000 dólares, Blanca Castro, conhece a quem logo seria seu marido, o Venezuelano Losanger Arenas, o segundo ao comando da seita fundada pelo espanhol Ignacio Gonzalez, responsável de sugestionar aos membros estabelecendo a crença que ele é o “Novo Jesus Cristo”. Blanca fez parceria com um homem que diante a dificuldade de ficar grávida, ele lhe dizia que o seu líder da seita os poderia ajudar a conseguir aquilo almejado já que tinha poderes de curar. Seu marido conseguiu que ela participasse em encontros com prostitutas, que ele levava a sua própria cama. Ela consegue engravidar, e assim parece que ela conseguiu fazer um laço entre o significativo família com o desejo de constitui-la – isto é seu relato aos meios de comunicação –⁹ até que a sua implicação no maltrato virou impossível de suportar e ajudada por alguns amigos, consegue fugir da seita.

João, filho do Pablo Escobar

Numa família, cada um dos atores que da vida aos modos muito diferentes de vínculos, podem tecer uma trama excepcional.

Em *João Pablo Escobar*, filho do falecido narcotraficante Pablo Escobar, vemos de alguma forma como a novela familiar, não cessa de repetir-se para este homem que era parte desta família de mafiosos. Diz:

⁹ Castro, B., Esposa del venezolano Losanger Arenas cuenta su dramática historia. Entrevista publicada en la Revista la *Patilla*. Marzo 2013.

Cada dia foi acordar e fazer a eleição do caminho do bem. Recusei virar o Pablo Escobar 2,0. Tive que reinterpretar minha história e reparar o que meu pai tinha destruído no passo. Não celebrei seus fatos de violência e sempre estive convencido da paz.¹⁰

Uma das hipóteses que se pôde pensar lendo os ditos é o esforço realizado para marcar uma separação da marca do gozo que o levaria pelo caminho do pai imaginário –pai terrível que já foi mencionado pelo Lacan- se apresente no relato de tantas experiências neuróticas. Parece que, no seu intento de recompor alguma coisa desta falta do pai , a partir do que ele chama a reinterpretação da sua história, consegue dar um sentido a sua presença no mundo.

Cada quem da um uso próprio ao conceito de singularidade da família, assim consegue construir com os elementos que tiveram a disposição. A família representa uma sorte de cenário onde a criança pode conseguir respostas aos problemas da sua existência, como ser sexuado. É Neste sentido que a família é um refugio , como fala Anna Aromí.¹¹

Colônia Dignidade

A família, ao ser uma ficção necessária, faz sintoma. Mas... Porque seria inevitável criar uma ficção? A experiência desenvolvida em *Colônia Dignidade*, um assentamento fundado no Chile, por um ex-militar nazi, Paul Schäfer no ano 1961, abre um campo de possíveis leituras para pensar a pergunta que nos propomos. Especialmente porque esta seita proibiu a constituição de parcerias e de filhos, já que não existia a intenção no líder de transmissão irreduzível que a família conjugal faz presente, e que não é um saber, mas pelo contrario, diz Miller, *uma transmissão constituinte para o sujeito*.¹²

Colônia dignidade funcionou como um centro de detenção e tortura em tempos da ditadura de Augusto Pinochet. Mas o que mais chama a atenção, de Schäfer é que ele como líder da seita, não tinha a ideia de encarnar um messias, ou um profeta. Sua busca era a doutrinar a partir de

¹⁰ Escobar, J. P., La verdadera delincuencia organizada está en la política. Entrevista publicada en el Diario *Clarín*. Febrero de 2017.

¹¹ Aromí, A., “¿Qué es una familia?” Conferencia dictada en la Universidad del claustro de Sor Juana el 5 de septiembre de 2014. México DF.

¹² Miller, J.-A., El revés de una familia. Revista *Consecuencias* N° 8. Abril 2012.

um significante mestre que mexia com o significante família, que nomeava como algo nojento. Para ele, o mais importante era a vida em comunidade. Uma vida onde se apagava o Um.

Vemos como se extrema esse traço comum das seitas que consiste no seu caráter fortemente segregativo, de isolamento e ruptura do laço social com o Outro. Neste discurso de denúncia, da abjeção da sociedade, do caráter “imundo” do mundo, leva-se a rejeição extrema da família como tal: “a família é um nojo”.

Paul Schäfer não procura ser um pai (v.g Pai verdadeiro, em frente ao falso e hipócrita dos pais “mundanos”) nem tampouco quer constituir uma família. Ele rejeita particularmente o traço da reprodução e prolongação ao longo das gerações. Sua posição de gozo parece ser uma variante da utopia pedofílica da criança “liberada” da pressão do aparato familiar, mas só para someter-se ao pior.

Enquanto, é possível, perguntar: Pode um sujeito nestas condições construir-se a ficção necessária de uma família? Uma resposta afirmativa a esta questão, mas além e inclusive ao contrário do horror do dispositivo criado pelo Paul Schäfer, coloca-se no topo, o caráter de invenção que tem o Outro para o sujeito- especialmente para o sujeito neurótico-enfrente ao “Traumatismo” do real.

No documentário, *As crianças de Paul Schäfer*,¹³ Erika, uma das colônias, relata que ao cumprir quarenta anos, conseguiu casar com o homem que se tinha apaixonado na Colônia. Os dois almejavam ter filhos –é o que ela diz- mas nenhum dos dois sabia como fazer amor, ficaram a espera que alguém trouxesse o filho. O marido, depois de meses, a interpela e pergunta para ela: “– Quanto tempo mais temos que esperar a chegada da criança? Ela responde: estava à espera que você falasse alguma coisa [...] eu não sei nada disso”.

O vínculo familiar, ao estar fundado sobre a proibição da relação sexual, não necessariamente aniquila à família, apesar de que tem existido a intenção de Schäfer. Muito menos destrói o que tem de segredo a relação sexual para cada um, embora Erika espere ainda que seu marido de as instruções de um saber que lhe permita escrever na relação sexual que não existe.

A particular relação entre a *Colônia Dignidade* e a ditadura de Pinochet, põe também o acento – levado a um extremo paradigmático – a relação de exploração econômica que é frequentemente denunciado nas seitas. O governo de Pinochet torna-se “no cliente externo” da colônia, que a sua vez encontra lá um bom provedor de “material humano”. Como é lógico, a

¹³ Informe Especial. “Los niños de Paul Schäfer”. Documental. Septiembre de 2013.

“perversão kantificada” própria do discurso capitalista, da qual temos a imagem do filme *A lista de Schindler* na compra-venda de judeus como “fatores de produção”.

As instituições comunitárias: qual lugar possível para a invenção?

As instituições seja qualquer o significante mestre que as comande, tentam regular o gozo. Surgem dessa necessidade. No caso das instituições comunitárias, como os centros de adoção ou as comunidades religiosas, Que intervenção poderiam fazer uma criança como resposta, como modo de solução que lhe permita organizar um tecido fantasmático onde possa sentir-se acolhido nestes lugares?

Sabemos, segundo Lacan, que a criança não deve ser reduzida a uma identidade comunitária. No texto “Nota sobre uma criança”,¹⁴ faz referencia ao que ele chama “O fracasso das utopias comunitárias”, que surgiram na época onde se tinha a pretensão de ampliar o círculo familiar, crendo que ao educar as crianças em comum, numa identidade coletiva, a família poderia ser substituída. Mas esta utopia desconhece as necessidades da criança de ter um interesse particularizado, ou seja, um desejo ao seu redor que não seja anónimo.

Num relato feito por um dos integrantes deste grupo de investigação para as Conversações da VIII ENAPOL, nos ensina como, a partir de aquilo que faz sintoma na instituição, um sujeito pode encontrar um buraco onde alojar seu desejo e fazer uso da função que a família substituta pode oferecer.

Uma menina é referida junto com seu irmão para uma instituição para crianças em desamparo, já que seus pais não podiam tomar conta deles por estar entregues ao consumo de álcool. A instituição coloca seus esforços na prevenção da perda do cuidado familiar e oferece alternativas para a reintegração, sempre que seja possível nas suas próprias famílias ou que tenham possibilidades de ser adotados.

Logo do encontro contingente com o amor, a menina se inventa durante um tempo ao Outro da instituição que escuta o que ela diz, graças ao encontro com a palavra inolvidável. Quem tem conseguido ocupar o lugar do Outro para ela, marcou a proibição, mas ao mesmo tempo

¹⁴ Lacan, J., Nota sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012.

ofereceu o caminho do desejo. A instituição tem sido sua porta-voz e, a partir deste laço com o Outro, ela acudira a falar-lhe as experiências que fazem ela sofrer.

O traslado inesperado da mãe substituta que encargava-se dos seus cuidados, põe em evidencia como esta criança tem usado ao seu modo do Outro da língua para a construção da sua novela familiar, ainda dentro da intuição que dentro da sua política não está especialmente orientada a transmissão de um desejo vivo.

Dias depois da partida da mãe substituta, a criança pergunta entristecida: “– Quando retorna a «minha mãe»?”. A instituição foi pouco sensível à poesia da criança, poderíamos dizer parafrazeando a Éric Laurent, e fixou dela muito menos poesia que saber. Falavam para ela que a sua mãe substituta não era sua mãe. Estas respostas institucionais obturavam a oportunidade de que ela pudesse inventar-se uma solução ao sofrimento que a embargava. Afortunadamente, ela continua escrevendo a trama que permite-lhe dar um sentido a sua existência no mundo. Os personagens que tem na sua mão possibilitam continuar escrevendo uma ficção que a sustem.

Um dia se apresenta ao Outro do Amor, que serve de escuta, para falar que tem um pequeno peixe de plástico que cresce quando se afunda na água. Ela quer ver como cresce, mas tem medo de experimentar com o brinquedo na casa onde convive com alguns meninos, que poderiam maltratara-lo. No dia seguinte, no encontro fortuito com quem lhe tem dado um lugar ao seu desejo, ele toma suas mãos e coloca nela uma tatuagem temporal.

Sua insistência em atravessar pelo bom buraco de o que lhe é oferecido a ela, como singular, leva-la a escrever. Nesta ocasião, uma vez se serve de quem tem suportado seu desejo, e logo de olhar o momento em que conseguiu o ver pagar um boleto para viagem em ônibus, cenário onde se desenvolve a trama, escreve na sua mão a palavra “boleto”. Neste espaço, que tem vindo a ser construído abre a possibilidade à exceção da regra, permitindo inventar a própria formula que é um sintoma. E assim que põe de manifesto a possibilidade de habitar um lugar onde ela pode escrever com a tinta do seu gozo e seu desejo.

A família adotiva implica uma nova família, uma nova etapa para o sujeito, onde tem a oportunidade de fazer um tecido com o Outro. Neste assunto de família, incluso nos casos onde a criança tem sido abandonada, a criança não esta sozinho, existe um Outro que o acolhe, segundo Eric Laurent, seja outra família, a instituição que alberga o sujeito ou incluso a própria rua.

O Objeto *a* é o que todos Vocês são, na medida em que estão aqui alienados-abortos do que foi, para aqueles que os engendraram, causa de desejo. E é neste ponto que vocês têm que se orientar, a psicanálise nos ensina isto”.¹⁵ [Afirma Lacan]

Isto é a razão, que diante de um desamparo que representa chegar ao mundo como um resto de isso que se abortou, não tem escapatória: inventamos uma ficção chamada família.

¹⁵ Lacan, J., *El seminario, libro 17. El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, p. 192.